

## A sociabilidade do eu<sup>1</sup>

Okot p'Bitek

De modo falso e enganoso, considera-se como pressuposto que existe, de um lado, certa noção chamada “filosofia” e, do outro, certas coisas e atividades que são denominadas de “cultura”. A cultura é a filosofia tal como se vive e se celebra em sociedade. Os seres humanos não se comportam como folhas secas, fumaça ou nuvens sempre sobre a influência da direção dos ventos. Os homens vivem e organizações chamadas instituições: a família e o clã, sistemas de hierarquia, de reinado ou de divisão por idades. Como uma religião, um exército, instituições jurídicas e de outras classes. E todas elas se estabeleceram em consonância com a ideia de um povo ou tem sido construídas em torno com ela mesma, aquela em torno da qual acreditam seus membros que gira toda a vida, sua filosofia social, sua cosmovisão.

\*\*\*

Os burgueses acreditam que a liberdade consiste na ausência de organização social; que a liberdade é uma qualidade negativa, a exclusão de obstáculos existentes para obtê-la: e não uma qualidade positiva, o fruto do empenho e a sabedoria. (...) É esta falácia essencial a razão pela qual essa classe de intelectuais sempre *tente remediar as maldades sociais positivas, como as guerras, através das ações individuais negativas, como a não cooperação, a resistência passiva ou a objeção de consciência*. Isto acontece porque não consegue livrar-se da ideia de que o indivíduo é livre. Porém, nós temos mostrado que o indivíduo *nunca é livre*. Conquista a liberdade perante a *cooperação social*. Ele somente pode levar a cabo o que pretende por meio da *utilização das forças sociais*. Porém, para servir-se das relações sociais é preciso que as compreenda. Deve tomar consciência das leis da sociedade, da mesma forma que deveria saber as leis das alavancas se quiser levantar uma rocha com uma delas. (Cristhopher Caudwell)

O filósofo de língua francesa Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) se equivocava de imediato quando declarava que “O homem nasceu livre...”. O homem não nasceu livre. No nascimento se encontrava firmemente sujeito a sua mãe por meio do cordão umbilical. Com um corte é fisicamente liberto de sua mãe. Porém essa *liberdade seccionada* não é tão somente um ato biológico. É simbólica e, além disso, transcendental. Depois disso é um indivíduo que será preparado por meio da educação para desempenhar plenamente seu papel como integrante de uma sociedade.

Rousseau não estava certo quando acrescentava “e em todas partes se encontra sob correntes”. O homem não nasceu livre. Não pode ser livre. É incapaz de sê-lo. Pois somente encontrando-se *agrilhado* ele pode ser e seguir sendo “humano”. De que são feitas essas correntes? O homem dispõe de alguns *direitos e privilégios* que a sociedade

---

<sup>1</sup> Tradução para uso didático feita por Marcos Carvalho Lopes.

lhe deve. Segundo a crença africana, nem mesmo a morte o liberta. Se em vida fora um membro importante da sociedade, seu fantasma lhe sobreviverá para ser venerado e alimentado: e se espera dele que em troca guie e proteja os mortais. Essa é a essência do que de forma equivocada foi chamado de “culto aos antepassados”. No caso de que morresse de uma forma desonrosa, seu fantasma atormentado deveria ser exorcizado. Em alguns casos é preciso “matar” o seu fantasma. “Até que a morte os separe”, a promessa cristã que o homem e a mulher fazem um ao outro na cerimônia do casamento, soa falsa porque, quando acontece a morte do homem, a mulher não abandonará o “lar”. Um dos irmãos do falecido a *toma como herança*. Se a mulher falece, sua morte não extingue os laços entre o homem e sua família política.

O homem tem sempre se perguntado pelas questões mais aterradoras: quem sou? Qual o sentido da vida? Por que as pessoas sofrem? O que é a felicidade? O que é a morte? A morte é o final?, e um longo etc. E segundo as “respostas” que tem oferecido os sábios, na medida que foram aceitas, a sociedade organizou-se para conseguir determinados objetivos. Essas ideias fundamentais, a filosofia da vida, são os pilares e fundamentos sobre os quais se levantaram as instituições sociais.

Alguns chamaram essa ideia de *mitos* ou *cosmovisões*: outros se referem a elas como ideologias (que, como no caso do socialismo, chega a descrever-se como sendo de caráter científico): os fanáticos se referem a elas como a *Verdade*, como se tais ideias tivessem correlação com os fatos verificáveis ou indiscutíveis, ou sobre o verdadeiro estado da questão. Estas ideias fundamentais se interessam pelo *significado*. O significado de estar vivo neste mundo. E o significado excede os limites da verdade. Como disse John Dewey, “as verdades não são senão uma classe de significados, ou seja; aqueles nas quais constitui uma parte intrínseca do significado uma pretensão não pode ser demonstradas a partir de suas consequências. Mas além desta ilha de significados, que em si mesmas são verdadeiras ou falsas, se estende o oceano de significados para os quais a verdade ou a falsidade não contam”.

O homem não pode e nem deve ser livre. “Filho”, “mãe”, “filha”, “pai”, “tio”, “marido”, “avô”, “esposa”, “membro do clã”, “mãe política”, “chefe”, “feiticeiro”, e tantos outros termos deste tipo, são sinais da falta de liberdade do homem. Uma pessoa se define e se identifica em função destes complexos títulos. Eles ordenam e determinam o comportamento humano em sociedade. Não pode haver resposta em nenhum sentido válido para a pergunta fundamental sobre “quem sou eu?”, ao menos que se estabeleça o marco de relações em questão. Porque “eu” não é somente uma relação, mas muitas: “eu”

pertence a um clã e possui um lugar sagrado, uma terra, um ofício. “Eu” pode ou não estar casado, pode ter ou não filhos. Este “eu” é um chefe? Em caso afirmativo, haverá pessoas que lhe obedecerão, seguidores etc.

A sina do homem parece ser a escravidão permanente, Já que não pode escapar, não pode ser liberto, colocado em liberdade. O chamado “proscrito” não é um indivíduo livre. O fato de que foi “expulso” da sociedade durante um tempo não rompe as correntes que o sujeitam a ela.

O ato é uma sentença, um castigo e uma lição, não somente para a vítima, mas para todos os membros da sociedade. Porém, o proscrito, o refugiado, o exilado, se une em seguida a outra sociedade e se converte em um membro reconhecido do grupo.

Nem sequer é livre o ermitão que pretende isolar-se em um lugar solitário para levar uma vida de retiro religioso. Povoara sua cova, bosque, montanha, oásis, margem de rio ou qualquer outra morada com deuses e espíritos, demônios e anjos etc., como contavam sobre São Francisco de Assis, esses covardes (ermitãos) que se exilam pela própria vontade da sociedade, entram em comunhão com essas criações imaginárias e inexistentes e com a natureza: pássaros, flores, animais, répteis, árvores, frutos, rochas e rios etc.